



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VERÔNICA BARDINI

(depoimento)

**ANO
2009**

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-216

Entrevistado: Verônica Bardini

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Academia Oxigênio Sports, Porto Alegre

Entrevistador: Felipe Bastos Neves

Data da entrevista: 13/07/2009

Transcrição: Felipe Bastos Neves

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 23 minutos

Páginas Digitadas: 10

Observações: Entrevista realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso “A construção de uma ironwoman: a trajetória esportiva de Verônica Bardini” apresentada na Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em dezembro de 2009.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

BARDINI, Verônica *Verônica Bardini (depoimento, 2009)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011.

Sumário

Inserção no universo de esporte; iniciação como nadadora; participação no triathlon; participação no Ironman; apoio da família; desafios para a prova; treinamento; mulher e esporte; competição de natação.

Porto alegre, 29 de outubro de 2009. Entrevista com Verônica Bardini, a cargo do entrevistador Felipe Bastos Neves para o projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

F.N. - Como foi a tua iniciação esportiva Verônica?

V.B. - Eu comecei a nadar com 9 anos, comecei tarde. Eu era muito tímida, na escola, e a professora ficava muito preocupada comigo e a minha mãe me levou no pediatra. Achava que eu tinha algum problema e ele que recomendou para eu fazer alguma atividade física. Na época abriu uma escola de natação, bem pertinho da minha casa, Mauri Natação¹ e eu comecei a nadar. Dali eu comecei a nadar, aprendi a nadar, depois eu fui para um clube, para o Lindóia, aonde abriu uma equipe de natação, fiz uma seleção e me integrei na equipe de natação do Lindóia Tênis Clube

F.N. - Isso tu tinhas quantos anos?

V.B. - Eu tinha uns 11, eu fiquei dois anos na escolinha, depois eu fui para o clube, então comecei a competir, a treinar devagarinho...Surgiram algumas competições internas do clube e começou a ter competições do estado. Comecei a participar e quando eu estava com mais ou menos 13, 14 anos e eu comecei a treinar de uma forma mais focada, para provas de piscina, natação em piscina. Aí eu adquiri alguns títulos na natação, tenho recordes até hoje em algumas provas e, quando eu tinha 15 anos, existia uma competição – ainda existe uma competição que se chama Mococa, é interior de São Paulo... E é uma competição com várias seleções de todos os estados, e eu fui e um cara me convidou para nadar nos Estados Unidos, em Michigan. Só que na época, por eu ser muito nova - eu tinha 14, 15 anos - fiquei com medinho né? Daí eu não fui. Aí surgiu um convite para nadar no Minas Tênis Clube, também não quis muito. Não me arrependo de nada. Fiz porque era pra ser, enfim. Aí eu fui nadar no União², me convidaram para vir treinar no clube.

¹ Escola de Natação do Mauri Fonseca.

² Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

Quando comecei a nadar no União eu tinha algumas regalias, tipo, eu estudei em colégio particular e o União me pagava o colégio; quando eu fui fazer o vestibular o União me pagou o cursinho [INTERRUPÇÃO]³ Onde eu parei? E aí, nesse período que eu nadava, eu adquiri bastante coisa para minha vida, tanto, mais assim pessoal pois eu tinha os objetivos bem concretos. Aí, mais ou menos em 1997, fui nadar uma travessia e, então, comecei a nadar em água aberta. Fui nadar uma travessia em Tapes⁴ e eu fiquei em segundo lugar nessa travessia; passou um mês, dois meses, eu recebi um convite para nadar um campeonato, que se chamava “World Cup” em Camboriu, eram 12 km. Até então eu nunca tinha nadado tanto, eu só tinha nadado a travessia de Tapes, que era 7.600 metros. Fiquei na dúvida, vou nadar? Não nado? O Wilson Matos, que foi meu técnico e é hoje - eu nado com ele desde que eu tenho uns 13 anos: *bastante tempo* – disse: “vamos começar a treinar e tal, não sei o que”. Fui, nadei essa travessia e fiquei em segundo lugar. A partir dali, eu comecei a nadar água aberta, e fiz três anos o campeonato brasileiro de água aberta. Em 98 eu ganhei o campeonato brasileiro e o campeão e a campeã que ganhavam, iam nadar o mundial no Havaí, uma travessia de 10 km. Treinei e nadei no Havaí, mas tudo isso sempre com aquela dificultadezinha, normal. E aí comecei a treinar para travessia, depois fui para sul-americano e nadei o Campeonato Sul-americano na Argentina. Continuei fazendo algumas travessias. Só que chegou uma época na minha vida que eu não agüentava mais treinar natação. Aí, o Franco⁵ já fazia triatlon e eu queria fazer assim: “ah, vou me divertir fazendo um outro esporte”. A natação é um esporte que a gente sabe que é um esporte muito solitário. Como ele fazia o triatlon, eu achava muito legal, mas eu sempre tive a questão da natação, eu sempre tive muitas cobranças para resultado. E aí, quando eu fui para o triathlon, eu queria fazer uma coisa assim, para me divertir, para ver como é que era, para fazer um esporte diferente. Foi bem difícil eu parar de nadar mas eu tinha uma vantagem: é que no triathlon tem a natação, isso me ajudou bastante

F.N. – Então você não parou totalmente.

V.B. – Não parei totalmente. Comecei a treinar para o triathlon. A minha idéia era me divertir, sim. Não vou dizer que eu não me divirto, me divirto até hoje, sempre, acho muito bom, acho muito legal, era para fazer uma coisa assim sem muita cobrança de resultado, de

³ A entrevistada atende o telefone celular.

⁴ Cidade do Rio grande do Sul.

⁵ Franco Javier Camarotta, marido da entrevistada

posições, aquela coisa toda. Aí surgiu um grande apoio para mim, que foi a UCS - Universidade de Caxias do Sul - que me contratou, me deu patrocínio, e eu comecei a correr por eles, comecei a fazer as provas por eles, eles me davam um salário por mês. E eu tive o patrocínio da Bike Tech, que foi onde eu adquiri minha primeira bicicleta, bem boa. E eu comecei a correr e a UCS me dava dinheiro para viajar, eu fui competir o Mundial na Suíça pois eles pagaram a passagem, a hospedagem mas a alimentação não. Eles me pediram, em troca algumas coisas de trabalho, para administrar e coordenar... Eles tinham o Projeto Olímpico da UCS e eu comecei a coordenar esse projeto. Durou um ano mais ou menos, depois chegou uma hora que mudou o coordenador do projeto inteiro e acabou dizendo que eu não tinha o perfil, aquela coisa toda. Aí eu continuei treinando, sem patrocínio e, desde então, sempre continuei. A a única vez que tive ajuda foi essa vez da UCS que foram alguns meses, não chegou a fechar um ano, porque depois eles me exigiram que eu fosse lá 3 vezes por semana e aí eu deixava de treinar, então, era bem complicado. E outra vez que eu comecei a ter um salário que era do governo. Na época do Britto⁶, se montou a Bolsa Atleta e, dependendo da colocação de como tu estavas no ranking estadual, tu ganhava um valor X de dinheiro. Mas daí assumiu o PT⁷ e perdemos. Ninguém mais ganhou nada. Aí eu comecei a fazer o triathlon, fui para brasileiro e competi em várias partes do Brasil. Conheço muito: eu viajei muito mais nadando do que fazendo triathlon. E a partir daí eu comecei...

F.N. - O que este meio esportivo, que tu sempre estiveste envolvida, o que te acrescentou em termos de relações sociais: amizades, namoros, enfim...

V.B. - Me acrescentou muita coisa, até porque eu entrei no esporte por ser tímida. Hoje, eu sou tímida. Até o momento que eu acabo conhecendo a pessoa, depois que eu conheço, vou embora. Então, ele me acrescentou muita coisa boa. As pessoas que eu conheço, são pessoas saudáveis, são pessoas que buscam qualidade de vida de uma maneira ou de outra, mesmo que, no treinamento, dependendo do treinamento, a gente sabe que não é uma qualidade de vida assim, muito saudável, né? Mas ele me acrescentou muitas coisas na minha vida, principalmente o círculo de amizades que eu tenho hoje que é enorme. Sem dúvida.

⁶ Antônio Britto Filho, Governador do Rio Grande do Sul entre 1994 e 1998.

⁷ Partido dos trabalhadores, Governo Olívio Dutra, em 1998.

F.N. - O que te levou a fazer o curso de Educação Física? Por que tu resolveste fazer?

V.B. - Eu sou fonoaudióloga, eu me formei em Fonoaudiologia.

F.N. - E já pensou em trabalhar com outra coisa já que és formada em outro curso?

V.B. - Na Fono? Não! Eu fiz a faculdade de Fono, adoro, acho uma profissão maravilhosa. Não sei hoje, mas na época, financeiramente, ela não era muito agradável. Por eu estar no meio do esporte há muito tempo, eu conheço muito mais pessoas nesse meio esportivo, e as condições de de adquirir emprego, na época, para mim era mais fácil do que na Fono. Uma amiga minha chegou e me disse, “porque tu não vai fazer Educação Física?” Eu fiquei naquela, e tal. Não, não vou fazer, vou fazer Fono, quero Fono. E acabei entrando na faculdade e no primeiro semestre já comecei a trabalhar. Então era muito mais fácil para mim, trabalhar na área da Educação Física, sem dúvida, por eu conhecer muito mais gente e as pessoas me conhecerem e saber o que eu conquistei, do meu currículo.

F.N. - O que te levou a querer ser treinadora?

V.B. - A questão do treinamento é uma coisa muito forte na minha vida, hoje. Eu adoro essa parte do meu trabalho, que é o treinamento, porque ele te trás uns resultados, às vezes, inesperados, das pessoas que vêm e te procuram. Eu acho que o conhecimento que tu acabas tendo com certas pessoas, é muito forte. E o treinamento, por a minha vida inteira eu ter tido o treinamento, fica mais fácil para eu entender a pessoa que treina, a pessoa que está passando por alguma dificuldade, até por eu ter feito a modalidade. Então, a questão do treinamento fica mais fácil para mim, sim, até porque eu adoro isso, a questão de planejamentos, de organizar e tal. Eu gosto muito disso e, por eu ter tido esse contato muito tempo na minha vida, desde pequena, então é uma paixão muito grande que eu tenho, que é a questão do treinamento, *muito forte*.

F.N. - Tu sabes te colocar no lugar do atleta que tu tá treinando?

V.B. - Muito, muito. Até porque tem muitas vezes, assim, são treinos que eu já fiz e eu sei que aquele treino é difícil, eu sei que aquele treino é fácil. Claro que as pessoas são bem diferentes de suportar um treinamento, existe uma diferença muito grande e isso tu tens que saber também entender. Então, a pessoa, que está dando o treino tem que ter, também, algumas manhas, ou seja, conhecer a pessoa que tu estás dando treino, saber até onde ela

consegue ir, qual é o limite dessa pessoa. Por que tem gente que tu vais dando treino e até então tu acha que o limite dessa pessoa é X e não é. Aí de repente, opa! É menos do que aquilo, é mais do que aquilo, então tu tens que dar uma segurada. A parte psicológica é muito importante, acho que no dia de uma competição, 90% é psicológico e 10% é físico, porque tu vais fazer na prova o que treinou, mas se a cabeça não ajuda, aí o corpo não ajuda também, então, uma coisa leva a outra. Por isso eu acho importante ter essa questão de acompanhamento com psicólogos do esporte, acho muito importante, eu fiz uma época da minha vida.

F.N. - Tu tiveste esse acompanhamento então?

V.B. - Tive, quando eu nadava e quando eu fazia o triathlon. Porque, dependendo das provas, eu tinha um certo receio, ficava pensando no que podia acontecer, como é que vai ser, enfim. Então eu sabia que o meu corpo ia dar tudo que eu podia, tudo que eu tinha treinado mas, às vezes, eu dava uma escapadinha para trás, assim, pensando opa: Mas a minha cabeça não está boa e tal. E eu tinha que trabalhar bastante o equilíbrio. Fiz por um bom tempo, me ajudou bastante, até um período que eu diminuí um pouco mais a questão dos treinamentos e achei que já estava mais madura o suficiente de eu conseguir mudar sozinha.

F.N. - Quantos tri-atletas tu treinas hoje?

V.B. - Hoje eu dou treinamento para 15 tri-atletas.

F.N. - E na corrida?

V.B. - Na corrida a gente está com uns 40.

F.N. - O que te motivou a participar do Ironman⁸? Tu tiveste apoio? De quem foi esse apoio?

V.B. - Bom, O Ironman, eu fui participar porque existe - e eu não concordo com isso - as muita gente dizia assim: “ todo o tri-atleta tem que fazer um Ironman”. Nunca concordei muito com isso porque eu acho que se tu faz uma coisa é porque tu está afim. Eu estive no

⁸ O Ironman é uma prova de triathlon composta por 3.800 m de natação, 180 km de ciclismo e 42 km de corrida, realizadas em seqüência. A atleta participou do Ironman Brasil, realizado na cidade de Florianópolis (SC) no dia 31 de maio de 2005.

triathlon muitos anos - estou fazendo triathlon há 8 anos. Depois de 8 anos eu resolvi fazer o Ironman. O que me levou é o seguinte: eu sempre treinei, nessa minha trajetória de treinadora, eu treinei muito tempo o pessoal para o Ironman, e todos os anos eu ia lá, via, e acompanhava eles, dava aquele suporte, aquele apoio e tal. Até que, no ano passado, eu fui e voltei de lá dizendo: “vou fazer o Ironman esse ano”. Que seria o Ironman de 2009. Então o que me levou a fazer foi a paixão pelo esporte, mas o que me levou muito, assim foi a questão de tentar ver como é essa prova, de tentar perceber ela, de ver o que tem essa prova porque que todo mundo vê assim: “ai, O Ironman!” E eu, como vi muitas vezes essa prova, penso que qualquer um faz IronMan. Tem gente que não treina nada e chega se arrastando, mas tem o cara que treina mais ou menos e chega bem, então, uma das coisas que eu queria perceber é isso, de como é essa prova. O que ela tem de diferente de um triathlon olímpico, de um sprint. E eu percebi que ela é mais uma prova. É uma prova de longa duração sim, mas é uma prova que tu tem que treinar tanto quanto tu faz um olímpico, tanto quanto tu faz um “sprint”, para tu chegar bem.

F.N. - Desmistificou então, o Ironman?

V.B – Exatamente, exatamente.

F.N. - E como foi a preparação para o Iron? Do momento que decidiu fazer a prova até o final.

V.B. - Foi maravilhosa, quero fazer de novo, não em 2010, mas pode ser em 2011 ou 2012. Porque essa é uma prova que pode ser feita, claro que vai depender das tuas condições físicas, não tem aquela coisa de idade e tal. Eu adorei tudo, eu adorei o treinamento, eu gostei do que antecede a prova, eu gostei do dia da prova, eu gostei do depois da prova, eu gostei de tudo. Eu acho que é uma coisa assim, a pessoa que vem e me procura e diz assim: “eu quero fazer um Ironman”, eu dou a maior força, mas sempre com uma coisa tipo: “tu queres fazer o Ironman? Ok. Mas tu já fez algum triathlon na vida?” Se a pessoa diz: “não eu nunca fiz”, então, eu digo “opa! Acho que para fazer um Ironman é importante ter uma base boa, tu saber se conhecer fisicamente, conhecer o seu corpo, porque é um desgaste, de treinar tipo 6 a 8 horas no final de semana e assim é de domingo a domingo”. Eu treinava mais no final de semana por ser um dia mais tranquilo, por não ter aquela coisa de trabalho, horário, aquela coisa toda. Então demanda mais tempo, sim. Mas eu gostei de tudo. Achei tudo *maravilhoso*, faria tudo de novo.

F.N. - E uma coisa que tu não me disse quando eu te perguntei: o que te motivou a participar. Quem te apoiou?

V.B. - Um apoio muito grande que eu tive foi do Franco, meu marido e da minha sócia, Ana Paula⁹, que segurou na questão do trabalho, segurou muitas coisas pra mim, que era uma época, um período que eu precisava e ela me dava sempre a maior força: “vai treinar, não te preocupa”. Então isso foi uma segurança muito forte que eu tive, que eu agradeço muito. E o Franco foi uma coisa muito importante, por ele ter feito 5 vezes essa prova, e ele saber até aonde, até quando, até quanto a gente conseguia ir. E ele treinou comigo, mesmo não fazendo a prova, ele fazia todos os treinos comigo, me ajudava, treinava longo de pedal junto comigo, fazia as transições junto comigo. Então essas duas pessoas me apoiaram muito forte, foi muito importante para mim, além de ter o apoio, principalmente, de pessoas que acreditavam no que eu estava fazendo. As pessoas dizendo: “vamos lá, tu vais conseguir”. Dos amigos. Isso foi uma coisa muito forte, que... nossa! Foi um ano que eu pude conhecer muito bem quem é que está do meu lado.

F.N. - O Franco tu conheceu no esporte?

V.B. - O Franco eu conheci na natação [risos]

F.N. - Quais foram as maiores dificuldades de fazer o Ironman? Em algum momento tu pensou em desistir por questão de treinamento muito puxado ou coisa assim?

V.B. - Eu nunca desisti de fazer, no momento em que eu fiz a inscrição para essa prova - e não é uma inscrição muito barata- mas isso sempre foi assim, eu trabalho muito com objetivos. Principalmente essa questão do lado de esporte é muito forte, quando tu me coloca um objetivo: “tu vai treinar para isso”, eu vou embora, vou tocando até o dia da prova, até eu competir, até eu terminar. Em nenhum momento passou na minha cabeça: “ai, eu não quero mais, acho que isso não precisa.” Nunca me passou isso. No dia da prova, a gente passa por algumas dificuldades, estava frio, chovendo, depois abriu o tempo, ficou um dia maravilhoso e tal. Por tu estás muito tempo fazendo o esporte, tem algumas horas do dia (que é um dia inteiro) que tu pensa assim, “ai, vou caminhar, não vou mais correr”. Mas é que assim, eu fui com um objetivo muito forte pra fazer essa prova, que era fazer a maratona correndo e terminar correndo. Então isso foi uma coisa que eu trabalhei muito

⁹ Ana Paula Koetz.

comigo mesma, de que eu vou conseguir, eu vou conseguir. Eu tive momentos durante a prova que eu tive que ir no banheiro, tive problema estomacal. Eu estava super bem colocada na minha categoria, cheguei a estar em segundo. Isso é uma coisa que eu não me abati em nenhum momento, porque as gurias da minha categoria passaram por mim. Beleza, se eu não vou chegar em segundo, não vou chegar em terceiro, eu vou chegar em quinto, eu vou chegar em quarto, vou chegar em sexto mas eu vou chegar correndo, que era o meu objetivo. Então em nenhum momento me passou a questão de dificuldade. Foi sempre muito tranqüilo, até porque como eu sempre trabalhei muito com isso, eu sempre treinei o pessoal para o Ironman, vai fazer 5 anos que eu estou treinando o pessoal para o Ironman, eu conheço bem a questão de ciclos de treinamento, entendeu? Eu sei até onde vai, depois vai diminuir, então, fica mais fácil pra perceber isso. Mas foi muito tranqüilo. Por isso eu volto a dizer: faria tudo de novo e eu achei maravilhoso.

F.N. - Pretende fazer de novo?

V.B. - Pretendo, sem dúvida, achei uma prova fantástica.

F.N. - Qual a importância do apoio familiar no processo até chegar ao Ironman?

V.B. - É muito importante. Eu sempre tive muito apoio da minha mãe e do meu pai, sempre. Quando eu nadava, eu treinava de madrugada, a gente fazia treino duplo, então, agente tinha que nadar às 5 da manhã e depois às 3 da tarde, e isso eu fiz durante muitos anos na minha vida. Quando eu nadava no Lindóia eu nadava sozinha. A minha mãe ou o meu pai levantavam às 4:30 da manhã, eu levantava sozinha, tomava meu café e chamava eles, perguntando quem ia me levar. Me levavam, ficavam me esperando, me traziam de volta e eu ia para o colégio. Quando eu fui treinar no União foi a mesma coisa. Eles não ficavam me esperando, mas me deixavam na porta do clube, que eram 5 da manhã. A gente já teve problema, assim, com polícia, achavam que estavam, sei lá, assaltando. Aquela coisa de ter perseguição, tipo assim: “quem é que tá levando essa guria às 15 para as 5 horas da manhã”. Então isso foi muito importante pra mim, *muito importante*. Eu agradeço porque tu tem que saber pra aproveitar isso e tem que saber agradecer muito, porque assim: até pouco tempo atrás eles iam me ver competindo no triatlon. Meu pai sempre gostou muito do esporte. Jogava, de vez em quando, um tenisinho, aquela coisa toda. Minha mãe não tanto, mas ela foi sendo motivada pela questão de eu estar fazendo esporte. Eles até muito tempinho atrás me acompanhavam. Agora na questão do Ironman

eu tive, em todos os aspectos, o apoio deles. Sempre. Na natação, quando eu comecei a fazer o triátlon. Mas agora, para o Ironman, teve uma coisinha, um certo resquício deles. Diziam que “isso é muito”, “essa prova é uma bobagem” e então, eu fazia os meus treinos e em nenhum momento dizia que eu estava fazendo, porque se eu dissesse eles diriam: “tu é louca”. Como todo mundo que pensa que quem faz Ironman é louco. Mas era o meu momento. Era o que eu estava passando. Então, quanto ao Ironman, pai e mãe é que eles desconhecem um pouco do limite, eles tem uma visão diferente dessa prova.

F.N. - Mas o marido sempre do lado, não é? Inclusive nos treinos?

V.B. - Sim.

F.N. - Como é que são vistas as mulheres que fazem Ironman? Eu pesquisei e vi que a maioria são homens. Eu fui atrás: tiveram 85 mulheres num universo de 1500 e poucos homens. Pela sociedade? Pelos amigos, pela tua família? E se ia ter alguma coisa na mídia, assim, um reconhecimento?

V.B. - Assim, não percebi nada de diferente. Não percebi. Eu que é que pelo meio que eu convivo, é uma coisa natural, homem e mulher fazendo, então, eu não percebi nenhuma diferença assim de “ai mulher de ferro”, não. E a questão da mídia, como a gente sabe é sempre mais complicado esse esporte. Existia um apoio no início de dizer como é que era essa prova. Isso foi muito legal, até para o pessoal ver o que era isso. Teve gente que acompanhou, foi legal, mas se encerrou por aí. Agora, diferença na sociedade, eu não percebi. Diferença na família, menos ainda, porque, volto a dizer: aquela coisa, prima, tia, tio até hoje me questionam a questão de “porque que tu faz isso, para que tu faz isso”, então é complicado, mas...

F.N. - Eu ia te fazer uma pergunta se tu sofreu algum tipo de preconceito, discriminação pelo fato de ser mulher num meio predominantemente masculino.

V.B. - Nunca tive esse problema, porque eu sempre treinei com homem. Eu melhorei muito a minha capacidade física por treinar com o sexo masculino. Até porque é um esporte que não tem muita mulher fazendo. Tem, mas são poucas. Então, eu percebi assim: no momento em que tu quer melhorar, tu quer ter um resultado auge, é bom tu treinar com uma pessoa mais forte do que tu, eu fiz isso sempre, até quando se nadava. Tu vai treinar

com uma pessoa, mesmo que tu sejas uma mulher, mas é uma mulher mais forte do que tu. Então eu nunca tive nenhum tipo de discriminação.

F.N. - O que tu sentiu quando tu completou a prova? Naquele momento que passou por baixo do pórtico de chegada...

V.B. - Pois é, eu senti um ... depois que acabou: acabou e agora? Foi tão bom. Eu senti que eu tinha feito o que eu tinha planejado. Fiquei feliz, mas uma das coisas mais legais para mim foi que eu consegui fazer o que eu tinha organizado na minha cabeça, que era chegar correndo. Então, isso foi uma das coisas que eu notei que eu consigo ... Eu botei na cabeça um certo objetivo e descobri: beleza, eu consigo. Então isso foi uma das coisas primeiras coisas que aconteceu, que veio na minha cabeça quando passei o pórtico foi isso: Consegui! Consegui o meu objetivo e isso não tem preço, é uma emoção que é tua. A emoção que tu sente por ter passado por uma série de coisas, de dificuldades... Mas foi muito legal e mais legal de tudo foi a emoção que as pessoas te dão, o apoio que as pessoas te dão e isso. O Franco, nossa, quando eu cheguei, foi muito legal. Então isso, o reconhecimento de que tu conseguiu, de que tu fez um trabalho legal, isso foi uma das coisas mais fortes que me tocou. Pensei: que legal eu não sou pouca porcaria. Sou alguém que existe reconhecimento muito legal das pessoas, que valoriza um trabalho de muitos anos, o trabalho que vem sendo construído desde os nove anos de idade, se tu for ver.

F.N. - Muito bem, pra finalizar, então, o que significa o esporte pra ti, não o triathlon, o esporte em si

V.B. - Significa tudo. Ele é maravilhoso. Acho que todas as pessoas deveriam fazer. Não precisa ser um esporte competitivo, porque esporte competitivo é mais agressivo. Eu não considero esporte competitivo saudável. Ele vai além, ele é o limite. É o limite do teu corpo. Tem alguns dias que tu tem um treino que tu vai passar do teu limite. Mas para isso tu tem que conhecer o teu corpo, agora, o esporte para mim é tudo. Tudo. Eu adquiri tudo o que eu tenho hoje: a academia, as pessoas, amigos, conquistas, tudo, pelo esporte. Tudo. Muitas portas que se abriram foi por causa do esporte. Tudo. Então é uma palavra muito forte pra mim e que eu respeito muito e admiro muito as pessoas que fazem, cada vez mais incentivo, desde as pessoas que fazem três vezes por semana uma atividade física até as pessoas que treinam de domingo a domingo. Então é muito legal. Acho que, cada vez mais,

está sendo trabalhada essa questão do esporte na vida das pessoas e eu acho que isso é muito importante.

F.N. – Obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]